

Projecto de intenções

Excerto editado a partir de uma conversa entre João Fiadeiro e Rita Natálio, sobre a intenção de *Este corpo que me ocupa*.

RN - Como é que encaras a tua relação com o presente, como é que te posicionas em relação a ele?

JF – Às vezes sinto-me como aqueles homens "que confundem a mulher com o chapéu"¹, que só vivem no presente, sem passado e, por acréscimo, sem futuro. Tenho-me limitado a constatar e a trabalhar com isso, mas essa "qualidade" impede-me de viver a ideia de progressão, de acumulação. Se me perguntares "o que é que queres fazer no futuro, nos próximos 5/10 anos, na tua obra, no teu trabalho?", aquilo que eu gostava é que o que quer que fizesse, fosse o resultado do desdobrar de um só pensamento. Até aqui tem sido muito complicado fazer isso porque tenho andado muito disperso por várias linhas de pensamento. Existem muitos pensamentos na minha cabeça que me impedem de seguir uma só pista... qual era a tua pergunta?

RN – Na verdade, cortas os pés ao passado, a cabeça ao futuro, mas tens uma coisa que te protege que é o espaço de representação, aquele momento. Queria perceber se esse era um dos centros do teu trabalho, a questão do presente. Se estás à procura de uma resposta em relação a essa questão ou se é apenas uma reacção, uma constatação. Ou seja, constatas que tens essa relação extremamente próxima com o presente e então precisas de arranjar uma maneira, uma solução para pensar numa perspectiva mais alargada. Queres dar "corpo" ao teu presente. É isso?

JF- Sim, acho que quando penso num projecto como "Este corpo que me ocupa" e sobretudo no projecto mais vasto *Body of Work*, estou a querer olhar para o meu trabalho de fora, como se não fosse meu. Para ter uma noção mais distanciada do que fiz. E para chegar a uma formulação que enuncie os próximos passos. Eu gosto de acreditar na utopia de que há uma tese qualquer que defendo, uma ideia que me ocupa e que resume e sustenta tudo aquilo que eu quero dizer. Gostava de conseguir reduzir esta ideia a um ponto e esse ponto ser o "*Este corpo que me ocupa*".

RN – E que tese é essa?

¹ Referência ao livro de Oliver Sacks, "O homem que confundiu a mulher com um chapéu".

JF - Que o acto de fazer, de agir sobre, não deve ser a consequência de uma expectativa ou de uma projecção, mas o resultado de uma encontro entre ti e aquele tempo particular, entre ti e aquele espaço, entre ti e aquelas pessoas. E para esse encontro ser real, para justificar o esforço, tens que te colocar numa posição de intermediário, de mediador das coisas. Tens que abdicar, deixar cair e aceitar que não tens a responsabilidade de dar uma resposta àquilo que não é imediatamente decifrável e que o mundo não tem que ter uma tradução imediata. O que é muito difícil. Faz parte da natureza humana ocupar os vazios, resolver os problemas, dar resposta a perguntas que muitas vezes nem sequer foram colocadas. Para mim, o verdadeiro encontro acontece precisamente na formulação da pergunta, da pergunta certa. Nem vale a pena começar a responder se a pergunta não tiver sido bem formulada. Nesse sentido, gostaria que o *“Este corpo que me ocupa”* se concentrasse apenas na formulação da pergunta, resistindo à tentação de responder seja ao que for.

RN – E a dança no meio disto tudo?

JF - A dança nunca me interessou. Ou melhor, a dança interessa-me, o que não me interessa é a coreografia. O André Lepecki escreveu há tempos: "(...) dance, once it falls prey to a powerful apparatus of capture called 'choreography', loses many of its possibilities of becoming"². E é exactamente aqui que se situa a minha resistência à coreografia. E na verdade, na dança, o que me interessa é o corpo. O corpo antes, enquanto e depois de significar. O corpo a partir de dentro e a partir de fora. O corpo biológico, neurológico, psicológico, político, social, simbólico, com ou sem órgãos, real ou imaginado, presente ou ausente. A dança, se me serve para alguma coisa, é exactamente para poder olhar o real de fora e projectar-me lá para dentro. "O real deve ser ficcionado para ser pensado" escrevia Jacques Rancière em *Le Partage du sensible*, e é nessa ambiguidade entre o documentário e a ficção que me quero situar. Por isso, e pensando melhor, o que me interessa mesmo nem é a coreografia, nem a dança, nem o corpo. O que me interessa é o real.

² *The Drama Review*, 51:2 T194, Summer 2007.